

O DOCE “OLHAR PELOTAS” ATRAVÉS DA AUDIODESCRIÇÃO NO “ENCONTRO OLHO DE SOGRA”

LEANDRO PEREIRA¹; MARISA HELENA DEGASPERI²

¹*Universidade Federal de Pelotas – lheandro@msn.com*
²*Universidade Federal de Pelotas – mhdufpel2012@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

O *Encontro Olho de Sogra* é um evento turístico e cultural, pensado para pessoas com deficiência visual, com propósito de apresentar o patrimônio histórico e cultural da cidade de Pelotas, conhecida por sua tradição doceira. Através de atividades que explora os sentidos, o evento aplica o recurso de audiodescrição como acessibilidade comunicacional.

O nome *Olho de Sogra* faz referência ao doce tradicional¹ pertencente à cultura da cidade e faz alusão ao órgão responsável pela visão. Foi escolhido com a intensão de dar um caráter descontraído que remetesse imediatamente à Pelotas, conhecida como a cidade do doce.

2. METODOLOGIA

Idealizado por um graduando de Bacharelado em Museologia, pretende demonstrar outras potencialidades do curso, que tem caráter interdisciplinar, através de diferentes meios de apresentar a história, o patrimônio, a cultura, os costumes e tradições, fora do museu. A programação do *Encontro* foi desenvolvida por uma turismóloga que elencou os locais para serem visitados, considerando a relevância histórica e cultural, além da representatividade turística para Pelotas. O roteiro dos passeios incluiu visitas a uma Charqueada, a uma fábrica de doces, ao Centro histórico - no entorno da Praça Coronel Pedro Osório, e ao Museu do Doce.

Todos os passeios foram mediados por uma equipe interdisciplinar, composta por turismólogos, estudantes de Turismo, de Museologia e de Terapia Ocupacional, responsáveis por apresentar o patrimônio histórico e cultural da cidade durante a visitação. Por se tratar de uma atividade voltada para o público com deficiência visual, fez-se necessária a aplicação do recurso de audiodescrição (AD).

Por ser voluntário no Programa de Extensão *Grupo Acessibilidade Universal* (GRAU), da UFPel, coordenado pela professora Marisa Helena Degasperi, docente da área de tradução-inclusive tradução audiovisual acessível (TAVA), propus a ela a elaboração da construção de um roteiro de audiodescrição para ser aplicado durante os passeios.

O GRAU tem como objetivo geral, a promoção da acessibilidade através de eventos culturais, cursos de formação e ações inclusivas acadêmicas, contemplando os três pilares: o ensino (nas traduções e audiodescrições), a extensão acadêmica à comunidade, mediante projetos dos quais participa como parceiro ou oferece, e à pesquisa, por meio dos resultados dos trabalhos de interação com as pessoas com deficiência visual, principalmente, já que está

1 Doce de coco, ovos e ameixa seca que faz parte do INRC do doce.

vinculado a um projeto com a temática que envolve cegueira, baixa visão e audiodescrição.

O trabalho se insere na área Direitos Humanos e Justiça, mas também relacionado à Cultura, visto que a acessibilidade e inclusão que propõe são culturais; na área de Educação, porque propicia aos alunos a prática da tradução audiovisual acessível (TAVA). É interdisciplinar, pois há integração entre alunos de diferentes cursos da UFPEL – Museologia, Turismo, Terapia Ocupacional e Tradução, em sua elaboração.

Este trabalho de audiodescrição foi realizado por uma equipe composta pela professora Marisa Degasperi e uma aluna do Curso de Bacharelado em Letras Tradução, do CLC, Sanmi Guimarães, que elaboraram o roteiro da audiodescrição; por mim, que fiz a consultoria e por uma aluna do Curso de Museologia, que efetivou a audiodescrição, com a locução audiodescritiva.

Para roteirizar o passeio ao centro histórico, abordado especificamente neste trabalho, fizemos o percurso na mesma sequência em que foi apresentado, pois é fundamental conhecer antecipadamente o trajeto a ser percorrido e observar os elementos essenciais naquele contexto, para a construção imagética dos deficientes visuais.

Fizeram-se anotações sobre o estilo arquitetônico, cores das fachadas, ornamentos dos prédios, paisagem urbana e paisagismo da praça, conforme a importância destacada pelo discurso dos mediadores, para produzir um roteiro sucinto e objetivo, a fim de evitar o cansaço e desinteresse pelo passeio. As palavras utilizadas no texto da audiodescrição devem ser simples e de fácil compreensão, objetivas e relevantes. Deve-se também evitar os termos técnicos, redundância e estrangeirismos. Depois de concluído, o roteiro deve ser revisado pelo audiodescriptor consultor, que necessariamente deve ter deficiência visual, pois é ele que avalia se a acessibilidade comunicacional será eficaz, de modo a favorecer a produção da construção imagética dos elementos audiodescritos. As informações que geram dúvidas, ambiguidades, que são irrelevantes devem ser readequadas para que ofereçam clareza de sentido. É indispensável e fundamental a participação do consultor na construção de um roteiro de audiodescrição.

Neste caso, a audiodescrição ao vivo permitiu à locutora acrescentar informação extra ou fazer adequações, diante de algum imprevisto ou de uma eventual inclusão de novos elementos, durante o trajeto. A estudante que fez a locução foi selecionada por ter boa dicção, articular bem a pronúncia das palavras e o tom de voz, de forma que possibilitou a audição dos visitantes, sem dificuldade. O roteiro foi previamente estudado pelo locutor, para que houvesse domínio das informações e segurança ao transmiti-las.

As ações culturais devem, cada vez mais, abranger diferentes públicos. Percebe-se que, ao oferecer oportunidades de participação em atividades culturais com recursos de acessibilidade, é possível compor dentro deste grupo social, um novo público consumidor de cultura que tem acesso à arte, informação, lazer e cultura por meio das palavras.

No momento da primeira fala, cada um deve dizer seu nome para aqueles que não enxergam poderem associar a voz à pessoa, e assim a reconheçam, por isso o locutor da audiodescrição foi a mesma pessoa durante todo o evento, para assimilarem ao ouvi-la que se tratava da tradução de informações imagéticas. (MIANES, 2016:20)

Favorecer a construção do conhecimento através de atividades interativas, além das mediadas por palavras, durante os passeios, foi uma forma de explorar outras habilidades de percepção sensorial bem desenvolvida em pessoas com deficiência visual.

Pioneiro na região, o evento *Olho de Sogra*, por oferecer recursos de acessibilidade, atraiu turistas de longas distâncias que buscam oportunidades de usufruir plenamente momentos de lazer. Como afirma a participante de Joinville/SC, Talita Fernanda Bolduan: “[...] porque normalmente a gente coloca a ideia que uma pessoa vai ser turista, se ela pode ver aonde ela está indo, e a gente precisa entender que para a pessoa ser turista, você tem que estar no lugar. Como você vai ver, na verdade, é independente se é com as mãos, com os olhos, com os ouvidos, enfim.”

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A inclusão cultural de pessoas com deficiência visual, através de um passeio turístico, resultou em uma excelente oportunidade de quebrar barreiras, tais como a de convivência, que impede, na maioria das vezes, a interação entre pessoas com e sem deficiência.

Mesmo as pessoas sem deficiência visual têm notado que o recurso de audiodescrição as beneficia, aumenta o senso de observação, amplia a percepção e o entendimento; mostra e desvela detalhes que passariam despercebidos. Além da ampliação do entendimento, expande-se também o repertório cultural, garantindo condições às pessoas com deficiência visual de poderem discutir em igualdade sobre suas experiências turísticas e culturais com outras pessoas, e tecer comentários sobre os locais visitados e os conhecimentos construídos.

4. CONCLUSÕES

Para os envolvidos na organização foi uma experiência positiva. Por meio da convivência tiveram a oportunidade de diminuir o preconceito sobre a deficiência visual, além de descobrir, dentro da sua área de formação, novos potenciais de aplicação através da acessibilidade, que promove o processo de inclusão. Com a experiência da interdisciplinaridade de estudantes das áreas de Museologia e Turismo com alunos da área de Tradução – e sendo a audiodescrição uma modalidade de Tradução Audiovisual Acessível, pode-se reforçar o seu uso como recurso de acessibilidade cultural a pessoas com deficiência visual e de ampliação da percepção visual em pessoas consideradas normovisuais, fato normalmente não destacável e que deve ser levado em conta, tanto por parte de pesquisadores e audiodescritores, como da própria comunidade normovisual, que podem se beneficiar, igualmente, como usuário da audiodescrição, em todas as suas modalidades.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livros

CUTY, Jeniffer e CARDOSO, Eduardo (org.). **Acessibilidade em Ambientes Culturais**. Porto Alegre: Marcavvisual, 2012.

MIANES, Felipe Leão. Consultoria em audiodescrição: alguns caminhos e possibilidades. Em: **Audiodescrição: práticas e reflexões** [recurso eletrônico] / Organizadora Daiana Stockey Carpes – Santa Cruz do Sul: Catarse, 2016.

MOTTA VILELLA DE MELLO, Lívia Maria; FILHO; Paulo Romeu. Org. **Audiodescrição: transformando imagens em palavras**. São Paulo: Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência do Estado de São Paulo, 2010.

MOTTA VILELLA DE MELLO, Lívia Maria. **Audiodescrição na escola: Abrindo caminhos para leitura de mundo**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2016.

Documentos eletrônicos

Turismo inclusivo: evento leva deficientes visuais a patrimônio de Pelotas: Pelotas, 2017. Disponível em:
<https://ccs2.ufpel.edu.br/wp/2017/05/03/turismo-inclusivo-evento-leva-deficientes-visuais-a-patrimonio-de-pelotas/> Acesso em: 15 de agosto de 2018.

II Encontro Olho de Sogra promove visitas turísticas com acessibilidade. Por Roberta Muniz. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/empauta/2018/09/ii-encontro-olho-de-sogra-promove-visitas-turisticas-com-acessibilidade/> . Acesso em 11 de setembro de 2018.

Encontro Olho de Sogra promove visita ao Centro Histórico. Disponível em: <http://www.pelotas.rs.gov.br/noticia/encontro-olho-de-sogra-promove-visita-ao-centro-historico> . Acesso em 09 de setembro de 2018.